**ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICAS LGBT – CONLGBT, GESTÃO 2023-2025.**

Ocorrido no dia dezessete de julho de dois mil e vinte e quatro, presencialmente na Casa da Cidadania, situada na Rua Quinze de novembro, 119 – Centro Histórico, Santos – SP, com primeira chamada feita as 19h:00, não havendo quórum e segunda chamada as 19h:30, havendo quórum presente, a reunião se iniciou as 19h:35. O Presidente Wellington Paulo da Silva Araújo abre a sessão dando boas-vindas a todas, todos e todes presentes, em seguida apresentou a Casa da Cidadania, que naquele espaço funciona o Gabinete da SEMULHER, a Casa dos Conselhos NEP – PPC, DEARTI (Conselhos Tutelares e Conselhos Municipais), também explanou sobre os nomes dado as salas dos auditórios, citando o nome das homenageadas, Sra. Luci Freitas e Sra. Isabella Calil. Dando sequência, o Sr. Presidente fez a leitura do texto "Vieses Inconscientes" e ao término disse aos presentes que escolheu este texto por achar importante e que nos traz várias questões para refletirmos, na sequência abriu a palavra ao plenário. Sra. Sabrina disse que o texto vem de encontro ao julgamento espontâneo, quando não se dá o direito da pessoa se apresentar. Houve outras falas, todas nesta mesma perspectiva da Sra. Sabrina e do Sr. Presidente. Dando continuidade, **1: Leitura e Aprovação da Ata da AGO realizada em março/2024 e junho/2024;** Sr. Presidente comunicou que a ata do mês de março/2024 não foi entregue pela ex-secretária Sra. Daisy Eastwood. Em seguida comunicou aos presentes as justificativas de ausências recebida via e-mail dos seguintes membros: Maria Cláudia Colombo, Sr. Rafael Guilherme S. de Almeida, Sr. Marcos Vinicius Corrêa da Silva, Sr. Adilson R. Panighel e Sr. Guilherme Aurélio S. Trindade. Com relação a ata de junho/2024, Fernanda pediu destaque as linhas 32 e 33, 142 e 143 e 145. Destaques aceitos, serão retificados na referida ata e entregue a Casa dos Conselhos para que sejam inseridas no Portal dos Conselhos. Ainda com relação a denúncia e o documento entregue pela Sociedade Amiga dos Pobres "Albergue Noturno", Fernanda pediu ao Sr. Presidente que trouxesse a representante da instituição supracitada na próxima AGO para

mais esclarecimentos sobre o caso. Sr. Presidente acolheu o pedido. Em seguida seguiu a pauta, **item 2: Relatos das Comissões; Comissão de Planejamento:** Sr. Francisco Henrich, "Chico", disse que neste momento está se planejando para a 13ª edição da Semana Municipal da Diversidade Sexual. Fez um compilado de todos os temas de 2012 pra cá e aproveita para apresentar algumas sugestões de tema. Tema 1: "NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS.", Tema 2: "SE FOR SOBRE NÓS, QUE SEJA A NOSSA VOZ.", Tema 3: "SE FOR SOBRE NÓS, ESCUTE A NOSSA VOZ." Sra. Cláudia Toledo sugeriu o tema: "SE FOR SOBRE NÓS, NÃO CALE A NOSSA VOZ." E o Sr. Laerte Romualdo sugeriu o tema: "A MINHA CIDADE É O MEU LUGAR DE FALA", tema este em alusão a música da saudosa cantora Elza Soares. Colocados os temas em votação, ganhou o Tema 2: **"SE FOR SOBRE NÓS, QUE SEJA A NOSSA VOZ". Comissão de Comunicação:** Sr. Marcos, coordenador desta comissão apresentou aos presentes em forma de powerpoint o Relatório de realização da 1ª Conferência Municipal LGBTQIA+ de Santos, após apresentou uma nova logo, nesta logo constam as cores da nova bandeira. O símbolo passa a incluir as cores trans, intersexo e da luta antirracista. Na visão do Sr. Marcos é importante esta mudança para um novo olhar a marca CONLGBT. Neste mesmo assunto, Sra. Daniella Stazack entende que com as cores desta nova bandeira, o CONLGBT estará mais inclusivo. Para Aru Alekrym, o acolhimento desta nova bandeira gera mudança e a mudança gera resistência, que este CONLGBT inclua também os morros e as quebradas. Sra. Flávia Bianco acha interessante se fazer um concurso ou uma campanha e na Semana da Diversidade fazer a premiação. Sr. Presidente responde a Sra. Flávia que infelizmente por estarmos em ano eleitoral, não podemos estar fazendo premiações, essas orientações vieram dos advogados municipais. Sr. Presidente novamente trouxe à baila que o Estado de São Paulo ainda não fez nenhum documento orientador sobre a Conferência Estadual. Sra. Daniella Stazack acha que o CONLGBT deve fazer uma pressão junto ao Estado. Sr. Presidente respondeu que já esgotou as mensagens encaminhadas ao Coordenador Estadual, Sr. Rafael Calumby. Sr. Gabriel Francisconi acha que este CONLGBT deve estreitar diálogo com os demais Conselhos Municipais do estado de SP. Sr. Júnior Brassalotti

entende que se não houver uma Conferência Estadual presencial, que a mesma seja feita de forma virtual e deixou a sugestão de se criar um grupo de whatsapp com todos os Conselhos Estaduais, que este formato deu certo com Conselho de Cultura. Em meio a discussão, saiu a sugestão de se fazer uma nota pública a ser encaminhada ao Sr. Raul Cristiano que atualmente ocupa o cargo de Secretário Executivo de Estado, da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania – SEJUC. Acatado por toda plenária, Sr. Presidente irá elaborar um texto. Para além desta nota pública, o Sr. Presidente pediu que os coletivos, movimentos sociais e a Associação da Parada do Orgulho LGBT de Santos também façam uma pressão a Coordenadoria Estadual de Políticas para a Diversidade Sexual sobre uma posição da Conferência Estadual. Sr. Marcos, disse que ao final do relatório estará encaminhando em formato PDF para todos os membros deste CONLGBT. Este relatório também será encaminhado para a Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, aos cuidados da Secretária Sra. Symmy Larrat. Por não haver nenhum representante da Comissão Jurídica, passou-se para o próximo item da pauta. **Item 3**: **Escolha do tema da 13ª Semana da Diversidade Sexual.** A discussão sobre o tema foi feita no item 2, relatos das comissões pelo Sr. Francisco Henrich, "Chico". **Item 4:** Apresentação sobre Identidade de Gênero Não Binária. Sr. Presidente pediu que a apresentação seja de no máximo 45 minutos, por conta do horário da entrega do prédio. Abel fez a sua autodescrição se autodeclarando os pronomes ele/dele. Iniciou a sua fala fazendo um resgate da dívida histórica e de todo apagamento que pessoas cis tiveram com pessoas transexuais e travestis, citou também a Revolta de Stonewall que aconteceu em 28 de junho de 1969. Abel trouxe também 2 vídeos a serem apresentados; contudo, por motivos técnicos, não foi possível reproduzi-lo. Os links, então, foram disponibilizados e uma breve menção sobre cada protagonista foi realizada.

https://www.instagram.com/reel/C9ch1ODpY42/?igsh=Y2o3N29kb3k4cWdm

Em sua fala Indianarae Siqueira diz que não se importa se é chamada de ela, ele ou elu, ela entende que quando as pessoas as veem, alguns entendem que ela seja uma mulher trans, mas isso depende também do lugar que ela está e por ter uma certa passabilidade, outros as vêem como travesti e ela afirma que travesti é uma identidade não binária e está tudo certo, e quando é vista e tratada no pronome neutro ela entende que a pessoa está mais avançada. Resumindo, ela diz que não vai ficar "ferrando a sua saúde mental". As questões "do outro são do outro, ela está bem resolvida com as suas questões".

https://www.instagram.com/reel/C2TEzTNJAXL/?igsh=YXFkNHplMDk3Nm14 Nick Nagari (pessoa trans não binária), protagonista deste vídeo, traz ênfase dizendo que algumas pessoas entendem que a não binariedade está no meio do masculino e do feminino, que a pessoa não binária tem que ter uma aparência meio a meio, andrógina, neutra, algo cujo gênero não é facilmente identificado. E isso acontece porque é "mais fácil" as pessoas assimilarem dessa maneira, mas na verdade não é bem assim, a não binariedade está muito mais relacionada a uma gama de possibilidades. Justamente o não binário é negar esse sistema de gênero que divide as pessoas dessa maneira tão rígida. Elu ainda diz que é uma lógica muito pequena para o tanto de discussões que a não binariedade se propõe a abrir. E conclui dizendo que antes de ter sua aparência vista com estranheza, em momento algum elu prometeu neutralidade, androginia e que elu vai ser do jeito que faz mais sentido porque a não binariedade é sobre pluralidade e há diversas expressões. Seguindo a apresentação, foi a vez de **Fernanda**: elu inicia dizendo que tudo que será apresentado hoje é porque entendeu-se que este colegiado já identificou várias questões e em vários momentos dificuldades no tratamento de pessoas não binárias e a apresentação vem na perspectiva de termos um compromisso de mudança. Dando sequência e também numa perspectiva histórica, elu entende que, a partir daí, conseguimos saber quem somos, onde estamos e talvez entender quais caminhos tomar. Quando entramos em discussões de gênero e sexualidade, em termos de registro, na validação desses registros,

isso é muito recente em nossa história. Dentro da sua fala, elu citou Xica Manicongo, considerada a primeira travesti do Brasil, trazida do Congo para Salvador, na Bahia. Xica foi escravizada e trabalhou como sapateira na capital nordestina no século XVI. Também com comportamento reprimido pelos costumes da época, a escravizada foi acusada de sodomia, sendo considerada até mesmo como uma feiticeira. Em função das acusações contra Xica, ela foi condenada à morte pelo Tribunal do Santo Ofício, foi queimada viva em praça pública. Dando sequência, elu disponibilizou um livro e pediu que passasse por toda plenária, tal livro trata-se de uma dramaturgia, uma peça, e conta a história do indígena Tibira que foi acusado de “sodomia”, considerado pecado pelos missionários franceses no Maranhão. Tibira foi levado a um canhão instalado na muralha do forte de São Luís, amarram-no pela cintura à boca da arma. Quando lançaram fogo, imediatamente a bala dividiu o corpo em duas porções, caindo uma ao pé da muralha, e outra no mar, onde nunca mais foi encontrado, este assassinato aconteceu no século 17, no que pode ter sido a primeira morte documentada por homofobia no país. No que tange a sigla LGBT+ que vem se atualizando e passando por mudanças, tudo é um processo. Nesse processo histórico, muitas vezes as narrativas sobre nós ocorrem realizadas por terceiros. Neste caso, falando da comunidade LGBT, não foi a gente falando sobre nós, foi um outro olhar dizendo sobre a gente. Em registros, a gente tem o papel da medicina, do saber médico, como algo muito determinante para qualificar ou não nossa saúde, nossa condição de estar no mundo ou não e aí a gente teve tanto a despatologização de pessoas homoafetivas, mais recente de passoas trans, mas na prática a gente sabe que os olhares ainda são enviesados por um processo histórico de acúmulo por muito tempo de perspectivas que não reconhecem, que não escutam, não acolhem, não permitem uma nomeação autodeterminada. Fernanda segue dizendo que, quando Bel está colocando que, por muito tempo, a gente esteve aceitando em nossa sociedade que crianças fossem mutiladas, é justamente nesse sentido de dizer que, quando existe, o nascimento de uma criança que é reconhecida enquanto intersexo, era possível, naquele momento recente de vida, fazer uma cirurgia com uma “adequação”, com

uma expectativa de que corpo seria, de que maneira aquele corpo ia existir na sociedade. Cita: “Então, quando a gente está falando de binaridade, aí, pronto, me fechando um pouco nesse momento, a gente está falando sobre, justamente, se criar opostos absolutos que não necessariamente cria ou dá perspectiva de uma multiplicidade, não precisa ser isto ou aquilo, pode ser várias coisas, de formas muito diferentes, mas a gente tem um processo de institucionalização das coisas, do nosso reconhecimento. Então, por mais que a gente também esteja aqui nesse momento, falando, tendo um espaço no Conselho, por vários processos institucionais que reconhecem somente alguns saberes, alguns saberes que foram acúmulos de processos genocidas, que retiraram, cortaram as palavras das pessoas, as suas próprias nomeações. Outro de nós, aqui, poderia ter um sobrenome, Silva, ou, sei lá, qualquer outro, mas tem uma ancestralidade negra ou indígena que não sabe de onde veio, não sabe qual é a sua referência. Eu estou tentando trazer um cruzamento das questões porque elas são complexas, de fato. Então, se, de repente, a aproximação vai por outras discussões, outras temáticas, isso pode ser um caminho. Justamente porque a gente é um ser complexo também, não é uma questão reduzida, não é somente falar elu para uma pessoa não binária que vai estar tudo resolvido, não é sobre isso. Um exemplo disso, recente, teve uma mulher cis que sofreu uma violência porque um cara dentro de um bar achou que ela era uma mina trans. Opa! Se ela fosse uma mina trans, ela podia apanhar? E tem sido comum outras mulheres cis serem confundidas e aí já tem um viés da percepção, da leitura social, várias coisas. Existe um incômodo, uma angústia, mas às vezes nem é nomeado, ou reconhecida a nomeação, eu sofri essa violência, questionando-se, será que sofreu de fato essa violência? Então, minha fala nesse momento agora é mais no sentido de a gente compreender que vieses, brincando um pouco com o texto inicial, a gente foi tendo para construir a nossa perspectiva sobre as pessoas que estão ao nosso redor, sobre nós, entender de que maneira a gente vai se sentindo também afetado nisso, a ter que ser mais conforme, mais feminina, questões de depilação, maquiagem, até mesmo um corpo gordo não ser adequado ou então sofrer leituras diferentes em alguns momentos,

tudo isso compõe várias fissuras, transversalidades, cruzamentos dentro da complexidade do que é ser uma pessoa no mundo e ter sua identidade no mundo reconhecida, nomeada por si, autodeclarada, mas reconhecida, e reconhecida não só nos pares num ambiente assim, mas institucionalmente também. E de que maneira institucionalmente? Porque hoje a gente vive não mais sob um regime da igreja, especificamente, dependendo do caso, mas dentro de um regime de Estado. E o Estado, apesar de ter uma Constituição que se baseia em direitos humanos e questões desse sentido, e que daria uma segurança, supostamente, para nós, a gente sabe que não. A gente está aqui e a gente sabe várias questões que nos atravessam. Então, uma questão para nós também é não isolarmos as pessoas para que elas façam o percurso sozinhas, para que pessoas não binárias tenham que fazer um percurso solo, de ter que brigar para um reconhecimento, para que tenham que ser as pessoas que vão bater na tecla, de perguntar qual é o pronome, de ter um mínimo de trato, e que a gente possa, coletivamente, conseguir avançar conjunto. Responsabilizar somente pessoas não binárias para se associarem, fazerem uma institucionalização de vários processos, é também uma violência no sentido de que o Estado é uma imposição de regime político. A gente tem no território brasileiro diversos povos que não se identificam brasileiros. São indígenas de várias etnias diferentes, que têm as suas funcionalidades de comunidades diferentes. Eu estou trazendo esse exemplo por quê? Porque a gente está falando também de território. A gente está falando de acessos". Por conta do tempo, Fernanda conclui a sua fala dizendo: "como é que acessa a saúde, como é que na educação a gente consegue acolher, como no esporte, por exemplo, consegue acolher, como que na cultura a gente apresenta, representa e faz circular, ventilar as coisas, como na assistência a gente consegue, de fato, efetivar uma assistência?" Em anexo, segue arquivo em PDF com título "Pessoas não binárias – Acolher e Escutar", que Fernanda distribuiu a todas as pessoas presentes. Sr. Presidente reforça sobre a entrega do espaço de reunião ser 22h e também o horário do funcionário. Na sequência, Aru continua a apresentação, dizendo que os amigues anteriores já "arrasaram na prosa". Elu segue: "só queria concluir o que a gente já abriu aqui, porque eu acho

que é uma discussão que não vai acabar aqui, eu só estou começando. Mas o que eu sinto de dizer do meu coração, como experiência desse corpo, que querendo ou não querendo, se a gente está realmente se abrindo para olhar para esse processo de desintoxicação da branquitude, da cisgeneridade, da monogamia, de todas essas desconstruções que acabamos apresentando, eu acho que é muito importante a gente parar de achar que as pessoas trans, sem questionar a nossa cisgeneridade. Então, eu fiz uma poesia para dizer prá vocês, que é a minha maneira de me expressar muitas vezes, mas quero checar também, fazer esse convite à reflexão de vocês, como é que seria a vida de vocês, se não fosse o genital de vocês que tivesse definido o que vocês são. Porque infelizmente hoje, não só pelo acesso do ultrassom, mas a realidade hoje é que a partir do ultrassom, se ver um pinto, aquilo já vai ditar a grande parte da vida daquela pessoa. Eu acho que enquanto a gente achar que um ser, que tem um determinado genital, e vamos dizer aqui um pinto, um falo, um peso, se a gente projetar a cismasculinidade nele, o patriarcado nunca vai parar". Elu entende que é também sobre "um olhar, é muito bonita a resistência e a luta, no sentido de querermos que o patriarcado não acabe, não existe como a possibilidade dele acabar, se a gente não destrói a cisgeneridade. Então, a gente está correndo em volta do rabo. E a não binariedade vem com esse convite de destruição da cisgeneridade, que é o olhar binário, porque não, o sol não é o oposto da lua. Eles existem, eles complementam, a gente precisa sair dessa visão violenta, binária, que acaba definindo a gente a partir do que tem no meio das pernas. Mas se a gente fosse, vamos definir a gente pelo que tem entre os nossos olhos, se fosse o nosso nariz, se definisse a gente. Seriam tantas outras possibilidades, tantos narizes. Então, eu acho que eu quero muito que vocês cheguem em casa refletindo mesmo o quanto dessa cisgeneridade, através da sua maneira de vivenciar. E daqui, como um corpo sociabilizado, como mulher, eu percebi que quando eu comecei a me desintoxicar da feminidade tóxica, e não estou falando só de como eu me visto, porque eu uso vestido também, eu não quero ser homem também, nada disso, que os pensamentos cis, ficam vibrando, falando coisas, mas eu acredito que é muito importante a gente

entender que não é sobre a expressão de gênero, não é sobre como eu me visto, apenas. Eu posso me vestir como eu quiser, de cueca, de calcinha, de biquíni, é sobre a minha percepção do mundo. Tem gente que acha que não binariedade é ser andrógino, e não é. A pessoa pode se vestir como ela quiser, a gente não está aqui para dar carteirada em quem é mais ou menos não binário. Então, por isso que é muito importante falar que não existe não binariedade, são não binariedades, não existe transmasculinidade, são transmasculinidades. Porque sempre vai ser um infinito de possibilidades, e isso que vai permitir que a gente volte a ser, num sentido não só de... acho que a gente nunca volta, mas que a gente vá para esse lugar real de reconhecer que somos bichos, bichos domesticados tentando proclamar algum tipo de sociabilidade, sempre falo que é uma psicose coletiva essa cisgeneridade, uma loucura coletiva que está tão enraizada que, diferente de uma questão de raça, se eu falar que sou uma pessoa preta, todo mundo vai querer me internar, mas se eu falo que não sou uma mulher, a galera... dá para comprovar pela pele que não sou preto, mas o meu gênero, se você é uma pessoa que não acredita na não binariedade, você vai achar que é uma pessoa surtada, que é o que a humanidade acha, a gente teve traumas infantis, e não existe possível nada, ninguém nos valida. Então eu vou ler a poesia para que... é uma maneira de poder falar tudo o que a gente falou e concluir. Mais uma vez, eu fiquei muito chateade, muito triste na feira LGBT em que a gente fez uma mesa para os transmasculinos, uma outra coisa na mesa do Wellington (Presidente), tinham pessoas do conselho lá, mas ninguém ficou. Eu quase não vim hoje falar aqui, porque eu falei assim, cara, a gente estava ali, disponível para, inclusive, começar esse papo, mas eu sei que vou ouvir, que tem agendas e agendas, não vou obrigar ninguém a ficar aqui, mas tem um lugar que eu acho que quando a gente quer realmente saber de um assunto, a gente escuta as pessoas que estão falando esse assunto. Então a gente vem aqui numa resistência, porque não está fácil, desde que eu me cheguei aqui, já sofremos várias transfobias, vários silenciamentos, vários espaços, então assim, a gente está como coletivo pensando em como fazer a travessia para que tenha um momento onde a gente chegue sentindo à vontade para falar. Cuidades, e não só cobrades

de ensinar, porque é isso que está todo mundo querendo aprender agora. Mas assim, será que realmente é a gente que tem que estar aqui ensinando? Será que é uma pessoa preta que tem que ficar aqui falando sobre o antirracista? Então assim, a gente precisa realmente parar? Será que é uma pessoa surda que tem que ficar falando aqui dá necessidade da gente conseguir se comunicar em libras? Então a gente precisa tirar a luta do corpo que já é violentado por essa luta? Não, porque é mais uma carga. É isso, vou ler para terminar 21h30, e a gente conseguir entregar às 22h". A partir desse momento, Aru seguiu com sua leitura de poesia: "Dizem que é disforia, eu digo que é cisforia, essa dificuldade da cisgeneridade em lidar com tudo que sai da normatividade. Binariedade genitalista. Eu não sou o meu genital. Então para de me perguntar se eu tenho buceta. Não, eu não sou homem. Muito menos mulher. Não me importa o que você pense. Muito menos se você me quer. Performance cis que cansa. Coisa de menina que oprime a criança. Deixe a criança ser o que quiser. Nenhuma criança é menina. Nenhuma criança é mulher. Genitalismo binário. Reprodução de otários. Libertar nossos corpos é sobre libertar nossas mentes. Da binariedade doente que segue matando gente. Feminicídio, misoginia, patriarcado, masculinidade tóxica. Tudo consequência da mesma droga. Essa mesma que você não quer parar de usar. Pois eu sei que você vai passar um dia a mais sem se questionar sobre a sua cisgeneridade. Ninguém é cis. Somos todes bichos vivos tentando caber na forma, fórmula, rótulo, rígido, homem e mulher. Eu não acredito em gênero. Eu acredito em arte. O corpo é pedaço vivo de arte que não carece de caber em nenhum conceito. Nome outro que não a si mesmo. Enquanto uma criança nascer com um pinto e for vista como menino, o patriarcado não acabará. Enquanto uma criança nascer com xoxota, buceta, pepeca, vulva, vagina, use o nome que quiser, e for vista como menina, a cisgeneridade não acabará. Eu sei que você aprendeu assim. Eu também aprendi assim.  Mas foda-se que a gente aprendeu assim. E a gente tem que mudar. E por isso eu queimo. Eu queimo no fogo tudo o que aprendi que tem como objetivo me prender. Queimo o ele, queimo o ela, queimo o yin, queimo o yang, queimo o masculino e queimo o feminino. E não por raiva deles, mas por paixão a mim. A Terra

não é binária, o Sol não é o oposto da lua, assim como o dia não se opõe à noite. O binarismo é uma percepção limitada de uma realidade criada por bichos altamente autocentrados que se autodenominam humanos. Ver através do 2 é altamente limitante. Eu quero ver através do 3, do 4, do infinito, da alcateia, do cardume, do coletivo. Dizem que é disforia. Eu digo que é cisforia. Essa dificuldade da cisgeneridade em lidar com tudo aquilo que sai da minha atividade. Você já perguntou como sua vida poderia ser se o que estivesse entre suas pernas não definisse como você se vê?" (aplausos) "E aí, se você não sabe o que é cisgeneridade ou o que é cis provavelmente você é uma pessoa cis. Então, tem fatos que dá, porque é importante. Esse é o começo da brincadeira. E eu espero muito que, cada vez mais, a gente consiga se desconstruir da armadura dura". Após os aplausos, Sr. Presidente agradece e diz: "gente, só para a gente avançar, o assunto não se esgota. Sempre vão ser pautas recorrentes a gente falar sobre todas as diversidades aqui presentes. Acho que esse é o espaço da gente acolher, escutar, conversar, dialogar e, principalmente, aprender e estar disposto a se desconstruir de posturas e situações que nos trouxeram até aqui para outras leituras sociais do ser humano que é tão completo, complexo, diverso, múltiplo. Então, parabéns, estamos à disposição sempre dos nossos conselheiros e participantes, enfim, quem mais quiser colaborar com tudo que possa fazer a gente sempre se engrandecer melhor e se tornar sempre a melhor versão possível". Sr. Gabriel Franciscone pediu a palavra e deixa a sugestão de se fazer grupos de estudos. **Item 5, Vacâncias da Sociedade Civil; A) Munícipes que se autodeclarem lésbica, gay, bissexual, travesti, mulher transexual, homem trans e pessoa intersexo independente de organização (titular);** Sr. Laerte se colocou à disposição para ocupar a vaga. Aru indaga o Sr. Presidente se elu pode se candidatar a esta vaga, deixando a vaga de PCD. Sr. Presidente diz: "mas você já está titular". E se dirige a mim Sra. Taiane e diz: "ela não é titular?" E eu Taiane, respondo: "elu não é titular, é suplente". De imediato Sr. Presidente pede desculpas pelo equívoco do pronome de tratamento. "Você é suplente? Mas tem a vaga de titular. Você tem laudo?" Aru diz que não tem laudo e que já está sabendo dessa nova determinação. Sr. Presidente explica que

na assembleia passada, isso foi discutido amplamente e a partir daquela assembleia, como soberana, o laudo médico da deficiência é solicitado e conclui dizendo que elu pode sim sair da cadeira de suplente e migrar para titular. Aru diz que prefere ocupar a cadeira de homens trans: “sou autista, mas eu acho que seria muito massa terem outro tipo de deficiência representando. E aí a gente tem todo esse movimento de trazer essas pessoas. Eu acho que é um lugar de fala que eu posso ocupar como autista, sim, mas que, se puder, tem que deixar liberado”. Sr. Presidente diz: “você é livre para fazer as escolhas e a vaga está aqui. O que a gente fala é quanto mais pessoas puderem somar com esse coletivo e a gente oportunizar também outras pessoas a virem, acho que é o ideal, mas fique à vontade. Você quer participar dessa vaga também? Não tem problema. Mas neste caso você vai disputar com Laerte”. Alguém (não me recordo quem foi) perguntou ao Sr. Presidente se não há cadeira para pessoa não-binária. Sr. Presidente responde que não, ainda, mas, pro futuro há a intenção de se fazer mudanças no PL deste CONLGBT. Aru declina de concorrer à cadeira e, não havendo mais nenhuma pessoa interessada, Sr. Laerte foi eleito por aclamação. **B) Munícipe com deficiência que se autodeclare LGBT+ (titular), apresentar laudo médico para PCD, exigência conforme determinação da plenária, AGO junho/2024;** Não havendo ninguém interessado a ocupar a vaga, a mesma continuará vacante. **C) Movimento social que atue na promoção dos direitos LGBT (suplente);** Sr. Luk pergunta ao Sr. Presidente se o IBRAT Baixada Santista pode se candidatar. Sr. Presidente responde que não porque o IBRAT já ocupa outra cadeira e teria de ser outro movimento social com o objetivo de dar oportunidade para outros movimentos sociais participarem. E não havendo nenhum movimento social interessado em ocupar a vaga, a mesma continuará vacante. Alguém da plenária perguntou se a associação Donnas da Rua poderia ocupar a cadeira. Sr. Presidente responde que sim: “quando a representante do Donnas esteve aqui, ela se apresentou e posteriormente entregou a documentação, na ocasião ela pleiteava a cadeira de ONG, disse que estava no processo de normalizar a documentação, mas não conseguiu avançar, não saiu o CNPJ”. Foi lembrada a sugestão feita de que se

candidatasse à cadeira de movimento social, mas não houve interesse, inclusive pediu que tirasse o seu contato do grupo de whatsapp. Explicou também que para se candidatar a cadeira de ONG, há necessidade de se ter CNPJ, mas se for um coletivo, pode sim se candidatar a cadeira de movimento social. **D) Organização não governamental na promoção dos direitos LGBT (suplente).** Nenhuma organização presente. Tal vacância voltará na pauta da próxima AGO. **6. Eleição para diretoria executiva, cargos:** 1º Vice-Presidente; Sr. Marcos Vinicios da Silva Santos se colocou à disposição da cadeira e por não ter outras pessoas interessadas o mesmo foi eleito por aclamação. **1º Secretária(o);** Sra. Taiane Miyake que está interinamente ocupando o papel de 1ª secretária e já estar fazendo esta função, se candidatou e foi eleita por aclamação. A eleição de 2º Secretário(a) não estava na pauta, por unanimidade resolveu-se colocar a eleição. O Sr. Laerte se candidatou à vaga e não havendo outras pessoas interessadas, o mesmo foi eleito por aclamação. **item 5. Informes, moções e assuntos gerais.** Abel solicita que na próxima AGO, seja colocada na pauta a participação do AMSITT - Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais, para esclarecimentos sobre a falta de hormônios para as usuárias e usuários deste serviço. Sr. Júnior Brassalotti questiona sobre a Casa de Acolhimento. Sr. Presidente explica que estão acontecendo reuniões para as tratativas, já aconteceu uma reunião com CIAMP de Rua, na qual foram discutidos orçamento, modelo de gestão, espaço físico. Que também esteve em reunião com a Sra. Secretária da Mulher, da Cidadania, da Diversidade e dos Direitos Humanos, Sra. Larissa Paz e que desta reunião saiu a proposta de se visitar em São Paulo a Casa 1 e a Casa Florescer. Sra. Flávia também solicitou a palavra e sugeriu que as situações de transfobia citadas por Aru fossem apontadas, avaliadas e investigadas. Nesse momento, em contexto de tensão, Sr. Presidente se refere a Aru no pronome feminino. Aru aponta para o Sr. Presidente e afirma: “Estão vendo aí? Acabou de acontecer”. Imediatamente, o Sr. Presidente se desculpa e explica que tudo é “um processo” e “uma evolução”. Aru deixa então o espaço de reunião antes de sua conclusão. A reunião foi encerrada com a presença dos integrantes que assinaram a lista anexa, tendo sido lavrada a

presente ata, a qual vai assinada pelo Presidente Sr. Wellington Paulo da Silva Araújo, e pela 2º. Secretária, Sra. Taiane Miyake A. C. Rocha.

| | |
|---|---|
| **WELLINGTON PAULO DA S. ARAÚJO** | **TAIANE MIYAKE A. C. ROCHA** |
| **PRESIDENTE** | **1ª SECRETÁRIA** |